
MOVIMENTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS (COM)TEXTOS NARRATIVOS

(AUTO) BIOGRAPHIC MOVEMENTS (WITH) NARRATIVE TEXTS

(AUTO) MOVIMIENTOS BIOGRÁFICOS (CON) TEXTOS NARRATIVOS

Adria Simone Duarte de Souza¹**RESUMO**

O artigo apresenta as abordagens narrativas em educação e discute os processos que sustentam o ato de narrar a si mesmo, articulando constantemente esse ato à produção de efeitos de identidades/identificações. Reflete, ainda, sobre os diferentes níveis que constroem as dimensões da subjetividade, apresentando a aposta do sujeito (auto)biográfico defendida por Passeggi e Souza (2017) e Passeggi (2020). O artigo, também, analisa o livro “Canumã: a travessia”, de Ytanajé Coelho Cardoso, por meio da noção de acontecimento, proposta por Barros (2016), e de sujeito autobiográfico, proposta por Passeggi (2020), pontuando que, na medida em que o narrador relata suas memórias no tempo da narração, ele rememora o passado adormecido e materializa as lembranças desse passado no texto. A partir dessas abordagens, as discussões sobre literatura indígena, narrativa e (auto)biografia trazem reflexões acerca das abordagens (auto)biográficas, examinando a experiência da memória e a temporalidade do sujeito, partindo de um ponto de vista epistemológico no qual a subjetividade emerge junto a processos educativos contrários às perspectivas que valorizam somente o ensino em detrimento da educação.

PALAVRAS-CHAVE: (Auto)biografia. Narrativas em Educação. Literatura indígena.

ABSTRACT

The article presents narrative approaches in education and discusses the processes that support the act of narrating oneself, constantly articulating this act with the production of identity/identification effects. It also reflects on the different levels that build the dimensions of subjectivity, presenting the bet on the (auto)biographical subject, defended by Passeggi e Souza (2017) and Passeggi (2020). It analyzes the book “Canumã: the crossing”, by Ytanajé Coelho Cardoso, through the notion of event, proposed by Barros (2016), and autobiographical subject, proposed by Passeggi (2020), pointing out that, as the narrator reports his memories in the narration time, he recalls the dormant past and materializes the memories of that past in the text. Based on these approaches, discussions on indigenous literature, narrative and (self)biography bring reflections on (auto)biographical approaches, examining

Submetido em: 11/07/2023 – **Aceito em:** 26/07/2023 – **Publicado em:** 04/08/2023

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PROPED/UERJ. Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenou o Curso de Pedagogia Intercultural Indígena nos Municípios de São Paulo de Olivença/Alto Solimões (2014-2018) e Atalaia do Norte/Vale do Javari (2016-2018). Atualmente, coordena o Curso de Pedagogia Intercultural Indígena (Turmas Manaus e Tefé) e atua como vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Indígena e Etnografia (UEA), como pesquisadora do Giros Curriculares: cultura e diferença (UERJ) e do Kijetxawê: Currículo, Diferença e Formação de Professores (UFSB). ORCID: <https://orcid.org/0000-00020323404882>
Lattes: : <http://lattes.cnpq.br/7915521365617792>



the subject's experience of memory and temporality, starting from an epistemological point of view in which subjectivity emerges along with educational processes that flee from perspectives that value only teaching to the detriment of education.

KEYWORDS: (Auto)biography. Narratives in education. Indigenous literature.

RESUMEN

El artículo presenta enfoques narrativos en educación y discute los procesos que sustentan el acto de narrarse, articulando constantemente ese acto con la producción de efectos de identidad/identificación. También reflexiona sobre los diferentes niveles que construyen las dimensiones de la subjetividad, presentando la apuesta por el sujeto (auto)biográfico defendida por Passeggi e Souza (2017) y Passeggi (2020). Analiza el libro “Canumã: la travesía” de Ytanajé Coelho Cardoso a través de la noción de evento propuesta por Barros (2016) y sujeto autobiográfico Passeggi (2020), señalando que, como el narrador relata sus recuerdos en el tiempo de la narración, rememora el pasado adormecido y materializa los recuerdos de ese pasado en el texto. A partir de estos enfoques, las discusiones sobre la literatura, la narrativa y la (auto)biografía indígenas interrogan los enfoques (auto)biográficos, examinando la experiencia de la memoria y la temporalidad del sujeto, a partir de una mirada epistemológica en la que emerge la subjetividad junto con procesos educativos que huyen de perspectivas que valoran sólo la enseñanza en detrimento de la educación

PALABRAS CLAVE: (auto)biografía. Narrativas en la educación. Literatura indígena.

INTRODUÇÃO: SOBRE PESQUISA BIOGRÁFICA

A pesquisa biográfica nasce a partir dos anos 1980, com a crise dos grandes paradigmas que tinham banido o sujeito do seu campo investigativo e acenderam novas miragens ao “retorno do sujeito”, que passa a existir sob múltiplas perspectivas: a de autor, a de narrador e a de personagem de sua própria história. Essa guinada interpretativa, denominada de “giro linguístico” ou “giro discursivo”, está balizada na inversão das relações entre pensamento e linguagem, a partir da qual a linguagem passa a ser um fator organizador das visões de mundo e das representações do outro e de si.

Para Passeggi, Souza e Vicentini (2011), as pesquisas sobre escritas de si com enfoques narrativos começam a ser incorporadas nos processos de formação e profissionalização, no Brasil, nos anos 1990, com a designação de “virada biográfica em educação” (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 370). Esse movimento buscava romper com a perspectiva de formação de professores calcada na racionalidade técnica e avançar na construção de um paradigma reflexivo.

Nóvoa (1991, 1992) torna-se o responsável por difundir esse enfoque narrativo na educação, especialmente a partir da publicação dos livros *Vida de professores* (1992) e *Profissão professor* (1991). Nessas obras, que vão ganhando amplitude no campo educacional brasileiro, o autor

elabora uma discussão sobre as histórias de vida de professores, propondo uma interface entre memória e reflexão no campo da experiência profissional.

Nesse sentido, o texto apresenta as abordagens narrativas em educação e discute os processos que sustentam o ato de narrar a si mesmo, articulando constantemente esse ato à produção de efeitos de identidades/identificações. Reflete, ainda, sobre os diferentes níveis que constroem as dimensões da subjetividade, apresentando a aposta do sujeito (auto)biográfico defendida por Passeggi e Souza (2017) e Passeggi (2020). Analisa, também, o livro “Canumã: a travessia”, de Ytanajé Coelho Cardoso, por meio da noção de acontecimento, proposta por Barros (2016), e de sujeito autobiográfico, proposta por Passeggi (2017), pontuando que, na medida em que o narrador relata suas memórias no tempo da narração, ele rememora o passado adormecido e materializa as lembranças desse passado no texto. A partir das discussões sobre literatura indígena, narrativa e (auto)biografia, e examinando a experiência da memória e da temporalidade do sujeito, argumenta-se sobre a necessidade de uma educação enquanto “invenção de aprendizagens”, que busque processos de aprendizagens biográficas e de reconhecimento das singularidades.

MOVIMENTAÇÕES (AUTO)BIOGRÁFICAS EM EDUCAÇÃO

As pesquisas (auto)biográficas em educação vêm cooperando para a compreensão das escritas de si na constituição da subjetividade e dos processos de formação humana e profissional. Passeggi (2020) apresenta três abordagens narrativas em educação, que se articulam reciprocamente: a das histórias de vida em formação, a da pesquisa biográfica em educação e a da pesquisa (auto)biográfica.

Para a autora, as três abordagens apontam, já na forma como são identificadas, indícios de suas conexões e finalidades. A primeira aponta para as histórias de vida que têm relação com o processo formativo, ou seja, com “as histórias de vida *em formação*” (PASSEGGI, 2020, p. 61). A segunda investiga sobre “a pesquisa biográfica *em educação*” (PASSEGGI, 2020, p. 63) e a terceira abordagem traz “a pesquisa (auto)biográfica” (PASSEGGI, 2020, p. 64), apresentando um outro viés, uma vez que acrescenta o (auto) para sinalizar a presença da subjetividade nas pesquisas.

A primeira abordagem surge, no Brasil, a partir dos anos 1990, em um contexto que foi denominado “a virada biográfica em Educação” (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 370). Nesse âmbito, as perspectivas educacionais sobre histórias de vida nos processos de formação docente encontram aporte nos estudos de Nóvoa (1991, 1992) sobre a profissão do

professor. Tais pesquisas se debruçam sobre a forma como os docentes vivenciam os processos de formação e elegem a reflexão sobre as experiências vividas no magistério como ponto fundamental das narrativas.

A segunda abordagem incorpora novas orientações à perspectiva inicial, ampliando a investigação sobre as escritas de si no processo de formação e de profissionalização docente. Essa abordagem se utiliza dos trabalhos das pesquisadoras Delory-Momberger (2012), que ressaltam a relação entre o sujeito e as representações elaboradas de si próprio, investigando como os sujeitos dão sentido às experiências e como constroem as aprendizagens, mediante os processos de biografização. Além disso, essa abordagem é perpassada pelo trabalho de Josso (2014), que se articula ao movimento de narrativas autobiográficas em espaços formativos.

A terceira abordagem inspira-se nas duas primeiras e cresce com a contribuição de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, tais como: sociologia, história oral, saúde, literatura, artes, formação de professores etc. Apresenta-se como uma guinada paradigmática, conforme Passeggi e Souza (2017) e Passeggi (2020), ressaltando a complementaridade das histórias de vida em formação, da pesquisa biográfica em educação e da pesquisa (auto)biográfica, o que nos permite pensar em um paradigma narrativo-autobiográfico que religue a vida (bio) às reinvenções de si (auto) e ao discurso científico (grafia).

Passeggi (2020) pontua que essa apresentação inicial possibilita o desdobramento de mais três princípios epistemológicos, ou três apostas: uma aposta epistemológica, uma aposta decolonizadora e uma aposta pós-disciplinar. Para falar sobre a aposta epistemológica, Passeggi (2020) faz uma defesa da “tese segundo a qual o centro da pesquisa é essa interrogação sobre a conectividade entre a pessoa (auto), a vida (bio) e o discurso das ciências (grafia)” (PASSEGGI, 2020, p. 70). A aposta decolonizadora articula-se com a primeira, pois é igualmente política, no sentido de religar a pessoa (auto) à vida (bio) e ao discurso das ciências (grafia). Já a aposta pós-disciplinar inspira-se no pensamento de Franco Ferrarotti (2014), que aponta para o caráter da globalidade da narrativa autobiográfica e ancora-se na íntima relação entre “a vida, a experiência vivida e a ciência” (PASSEGGI, 2020, p. 60).

QUESTÕES DAS IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES

Eleger as escritas de si para o estudo das relações que se estabelecem entre o processo de formação, a atuação docente e a experiência permite integrar os conceitos de “experiências formadoras” e de “recordações-referências”, propostos por Josso (2004), como alicerce para o estudo da reflexividade autobiográfica nas pesquisas em educação. Em uma abordagem vinculada à ideia de identidades, Josso (2014) pontua que as ocupações sobre questões das

identidades permitem destacar a pluralidade, a oscilação e a fragilidade das identidades ao longo da vida.

Essa posição questiona a representação convencional de uma identidade estável e aproxima-se da concepção proposta por Hall (1997) que, ao discorrer sobre a dimensão epistemológica da centralidade da cultura, salienta que todo sentido só pode ser criado dentro de um sistema de significação, entendendo “que toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado [...] são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 16).

A questão das identidades pode ser imaginada como um processo constante de identificação/diferenciação e de redefinição de si próprio por meio de identidades em movimento, configurando-se como “uma das emergências socioculturais visíveis da existencialidade” (JOSSO, 2014, p. 736). É por isso que essas identidades em constante mutação são, “em alguns períodos históricos, mais fortemente alteradas pelos efeitos desorientadores das mudanças sociais, econômicas e/ou políticas (JOSSO, 2014, p. 737).

A aposta de Josso (2014) vincula-se ao movimento de narrativas autobiográficas em espaços formativos, pontuando que “a pessoa é o local de (trans)formação” (JOSSO, 2014, p. 736) e que o trabalho de pesquisa a partir de “histórias de vida (...), de histórias educativas” (JOSSO, 2014, p. 736), possibilita acompanhar as mutações sociais e culturais na vida individual e relacioná-las com a evolução dos contextos profissional e social.

Esse viés autobiográfico coaduna-se com a ideia discutida por Silva, Oliveira e Souza (2018), os quais apontam que “quem somos pode ser (des)construído tanto pelo jeito que experimentamos nosso eu, bem como pela forma com que nós e as (os) outras (os) nos reificam” (SILVA; OLIVEIRA; SOUZA, 2018, p. 6). Nesse processo de reificação, a participação no mundo e os significados produzidos nessas experiências ganham forma por meio de abstrações, relatos e conceitos produzidos de maneira intencional ou não, além de projetarem e reintegrarem novos momentos de negociação de significados das identidades.

No meio desse processo de significados e de diferentes dimensões da constituição do sujeito, ou melhor dizendo, “dos processos de subjetivação, ou ainda da produção de subjetividades mobilizadas pelos indivíduos” (GABRIEL, 2021, p. 3), é possível interpretar diferentes níveis que constroem as dimensões da subjetividade.

Passeggi (2020) categoriza a biografia em três níveis: a biografia como realidade vivida (o bios), a biografia como texto e a biografia como processo de formação, sendo que “em cada um desses níveis se constituiria uma das dimensões da subjetividade” (PASSEGGI, 2020, p. 73).

Assim, na biografia como vida, nos deparamos com o sujeito da experiência; na biografia como formação, nos deparamos com o sujeito epistêmico; e, na biografia como texto, nos deparamos com “o sujeito autobiográfico” (PASSEGGI, 2020, p. 73).

Na biografia como vida, deparamo-nos com o sujeito empírico que se deixa afetar por essas experiências, conforme aponta Larrossa (2021). Na biografia como formação, compreende-se o sujeito epistêmico, afetado pelas “experiências na busca de uma coerência para as suas ações” e possuindo uma relação com o saber atravessada pela relação com os objetos do conhecimento, mediada pelo outro e com o outro. Na biografia como texto, o sujeito autobiográfico se constitui na(s) e pela(s) linguagem (ns), numa estreita relação com o sujeito epistêmico e da experiência.

A aposta do sujeito autobiográfico possibilita “religar o sujeito epistêmico (abstrato, racional) e o sujeito empírico (da experiência)”, como aquele que “metaboliza o que os dois outros lhe oferecem” (PASSEGGI, 2020, p. 73). Tal qual no movimento antropofágico, o sujeito autobiográfico possibilita a narração tanto da experiência quanto do conhecimento, transformando-os em outro (s) e no (s) mesmo (s), em um movimento incessante de interrelação.

O sujeito autobiográfico como aquele que transforma a experiência e o conhecimento numa narrativa está presente nas investigações de Passeggi e Souza (2017) e de Passeggi (2020), especialmente nas problematizações sobre o fato de que o paradigma narrativo-autobiográfico e a subjetividade adentram muito timidamente na pesquisa educacional.

NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA (COM)TEXTO LITERÁRIO

o acontecimento é aquilo que surpreende o sujeito, que satura seu campo de presença, e que, num primeiro momento, é ininteligível. Pode apenas ser sentido. Corresponde a um aumento do andamento e da tonicidade, mas não a um aumento lento, processual, e, sim, brusco, como um salto. (BARROS, 2016, p.362)

A noção de acontecimento proposta por Barros (2016) inscreve-se na existência do sujeito por meio de sua experiência de ordem afetiva. O autor busca refletir sobre questões teóricas acerca do movimento da pesquisa autobiográfica, especialmente no que concerne ao processo da narrativa e da biografia como vertentes para pensar o sujeito autobiográfico.

Durante o acontecimento, a questão da memória revela a possibilidade de atribuir sentido ao tempo passado e presente como alternativa para a construção de um caminho narrativo. A obra

“Canumã: a travessia”, de Ytanajé Coelho Cardoso (2019), romance autobiográfico narrado em primeira pessoa, utiliza essa dimensão da temporalidade ao acompanhar o processo de migração da família que sai da aldeia Kwatá, localizada na Terra indígena Kwatá-Laranjal, no Território Educacional Baixo-Amazonas, para a cidade de Nova Olinda, no Estado do Amazonas.

A escolha da obra aconteceu por duas razões, ambas com características autobiográficas: a primeira razão é que desenvolvi minha pesquisa de mestrado junto ao povo indígena Munduruku, residente na comunidade de Kwatá no rio Canumã/AM. Em minha dissertação, discuti a respeito da relação entre bilinguismo e identidade nos processos educativos escolares na Comunidade Munduruku², onde, naquele momento, os falantes da língua indígena eram as pessoas mais velhas, e os mais jovens tinham interesse em estudar e aprender a língua Munduruku, interesse também motivado pela ação da legislação da Educação Escolar Indígena. À época, operava com a ideia de que os Munduruku viviam a perspectiva do “semear da falta” (HONÓRIO, 2000), pois a população mais jovem era monolíngue (só falava português) e via a “necessidade” de revitalizar sua língua materna, produzir material didático, formar professores em um processo de produção de políticas linguísticas que, previsto na legislação educacional brasileira, chegava na comunidade.

A segunda razão pela qual selecionei a obra é porque ela trata sobre o processo de escolarização e da relação de alguns personagens com a escola indígena ou não indígena, permitindo refletir diretamente sobre minha área de atuação junto aos povos indígenas, com os quais trabalho desde o início dos anos dois mil. Destaco que minha trajetória de formação acadêmico-profissional sempre esteve entrelaçada à formação de professores indígenas no estado do Amazonas.

Os escritos de minha dissertação de mestrado interrogavam a necessidade da comunidade Munduruku de recuperação da língua indígena, visando o fortalecimento de uma “identidade indígena”, via políticas linguísticas propostas pela Fundação dos Povos Indígenas (FUNAI) e pelo Ministério da Educação (MEC).

Posteriormente, por ocasião dos mergulhos pós-estruturais vivenciados por mim no doutorado, movimentados pelas leituras e discussões do grupo de pesquisa do PROPED/UERJ, pude perceber, dentre tantas questões, a rasura dessa noção de identidade. Sob a leitura pós-estrutural, essa noção movimenta-se em duas facetas, que se articulam continuamente, pois o sujeito pode ser entendido “como aquele que produz política e como aquele que é projetado por seus endereçamentos”, ao mesmo tempo em que “a possibilidade de pensar um sujeito centrado

² Os Munduruku habitantes da Aldeia Kwatá, situada na Terra Indígena (TI) Kwatá-Laranjal, localizada próxima ao município de Borba, Amazonas, Brasil.

e uno parece esvair-se com o esmorecimento da Modernidade como imaginário” (MACEDO, 2014, p. 15).

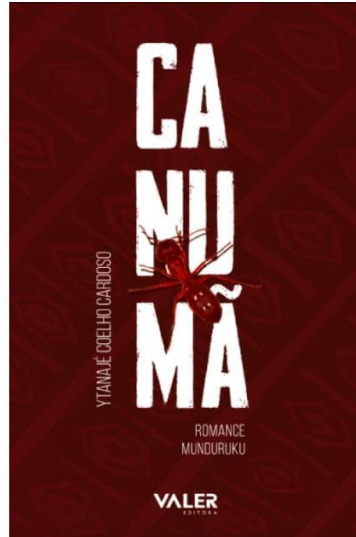


Figura 1. Livro autobiográfico *Canumã: a travessia*, de Ytanajé Coelho Cardoso
Fonte: fotografia da capa, acervo pessoal

Por isso, a noção de acontecimento apresentada por Barros (2016) torna-se potente para analisar esse entrelaçamento entre memória e narração. A autora afirma que, na medida em que o narrador relata suas memórias no tempo da narração, ele rememora o passado e materializa as lembranças desse passado no texto. Nessa perspectiva, o narrador conta como um dos filhos conclui os estudos e acessa o Ensino Superior, e a Pós-Graduação³, tornando-se Mestre em Antropologia, e como torna-se referência entre os indígenas da aldeia Munduruku.

Há conexões entre a vida do autor e o romance escrito, já que Ytanajé migrou juntamente com sua família para Manaus, ainda criança, e graduou-se em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), tornando-se professor da Secretaria do Estado de Educação (SEDUC). O autor, além disso, concluiu o mestrado em Letras e está cursando o doutorado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Por seus trabalhos com a língua indígena Munduruku e a inserção desse idioma nos cursos de formação de professores desenvolvidos pela UEA, tornou-se uma referência entre os Munduruku e entre os pesquisadores do estado do Amazonas.

³ Informações do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2200219283558210>. Acesso em: 12 de jan. 2022.

Partindo das noções de campo de presença e de acontecimento⁴, Barros (2016) propõe duas configurações discursivas de constituição da memória como categoria analítica dos discursos autobiográficos: a memória do acontecido e a memória-acontecimento. Para a autora, a “memória do acontecido pode ser aproximada da figura do arquivo, por construir-se discursivamente como algo que parece estar pronto antes mesmo da redação do texto, como dado prévio” (BARROS, 2016, p. 362-363). A memória-acontecimento, por sua vez, “aparece como construção que se realiza ao longo do texto. Ela é capturada em seu devir, em sua ação de fazer aparecer e desaparecer o passado lembrado. É dinâmica, instável”. (BARROS, 2016, p. 363).

O processo de escolarização, na obra de Ytanajé, é referenciado como atualização das formas de luta e (r)existência do povo Munduruku em relação aos processos de enfrentamento com a sociedade não indígena. A memória do acontecimento é percebida nas partes da narrativa que tratam da escolarização e possibilita legibilidade a um passado que de fato existiu entre os povos indígenas, organizado com o efeito de “exaustividade de informações”. A memória do acontecimento apresenta-se no livro quando a narrativa nos remete às alterações provocadas pela aproximação com o mundo dos *pariwát* (os não indígenas). As duas consequências dessa aproximação mais evidenciadas no romance são: 1) a introdução da bebida alcoólica; 2) o abandono da língua Munduruku por parte dos indígenas. É possível perceber as duas memórias nessas passagens relatadas pelo narrador.

O abandono da língua Munduruku por parte dos personagens do romance é associado, expressamente, ao momento de mudanças e ao contato com o mundo dos *pariwát*. Esse é um fato que se apresenta na comunidade Munduruku do Amazonas, pois os Munduruku do Estado do Pará são falantes da língua Munduruku. Assim, no capítulo VII, o narrador conversa com a avó Ester, que lhe relata uma profecia dos mais velhos. Segundo essa profecia, quando a língua dos Munduruku fosse esquecida, tudo estaria mudado, o que incluiria a entrada de bebida alcoólica entre os indígenas, um problema recorrente nas aldeias.

No romance, o narrador também se utiliza da memória-acontecimento, (re)vivendo o contato com o mundo dos *pariwát*, sem colocar os personagens indígenas em um destino trágico de extinção ou como indígenas ontologicamente bons e sem defeitos, características da literatura romântica. Pelo contrário, refletindo sua própria biografia, o autor do livro anuncia que, na medida em que os Munduruku vivenciam a realidade do mundo não indígena, as transformações são inevitáveis: a ambição, de ambos os lados, é narrada como “rio das possibilidades, tanto de perda quanto de ganho” (CARDOSO, 2019, p. 92).

⁴ Neste artigo, optei por trabalhar apenas com a noção de acontecimento.

Logo nos primeiros capítulos, a personagem Maria surge contando aos filhos histórias dos mais velhos. A memória-acontecimento é encontrada na passagem em que essa personagem entende os processos de mudança dentro da comunidade indígena e relata que os filhos não obedecem aos pais e não se interessam pelas histórias dos antigos, concluindo, paradoxalmente: “Um dia vou levar vocês pra cidade grande. Um dia vou tirar vocês daqui, pra estudar. Um dia vocês vão crescer e vão lembrar do passado... Um dia... Um dia!” (CARDOSO, 2019, p. 17).

Coincidentemente, Ytanajé saiu da aldeia firmando-se profissionalmente e academicamente, mas não esqueceu o passado, pois retornou (ou nunca saiu da aldeia) e narrou sua história, discutindo os diferentes atravessamentos que tanto ele quanto a coletividade Munduruku vivenciaram ao longo da temporalidade de contato com a sociedade ao redor. Essas experiências e as diferentes abordagens teóricas se entrecruzam em seu processo de escolarização e criaram associações e articulações possibilitadoras de uma escrita de si. Assim, Ytanajé Cardoso retoma a aposta do sujeito autobiográfico e transforma sua experiência e o conhecimento numa narrativa, possibilitando a ação e a interação com os Munduruku, com o outro *pariwát* e consigo mesmo.

LITERATURA, (AUTO) BIOGRAFIA E A BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO DA “INVENÇÃO DA APRENDIZAGEM”

Diante das discussões sobre literatura indígena, narrativa e (auto)biografia, questiona-se: de que maneira podemos pensar o processo de educação a partir das temáticas mobilizadas? De que maneira as abordagens (auto)biográficas, que examinam a experiência da memória e da temporalidade do sujeito, partindo de um ponto de vista epistemológico no qual a subjetividade é essencial, contribuem como processos que fogem das perspectivas educativas que tentam fixar sentido no processo de ensino, prejudicando o processo de educação?

Na autobiografia refletida durante o romance Canumã, foi possível entender distintos enfoques que trazem a centralidade da reflexividade narrativa e o sujeito autobiográfico, além das maneiras pelas quais essas aprendizagens são apresentadas pelo autor. São aprendizagens de si, aprendizagens biográficas, que buscam aquilo que Lemos (2015) argumenta como uma educação que “inventa aprendizagens”, que convergem para processos de aprendizagens biográficas e para processos de reconhecimento das singularidades.

Uma educação generalista e que valoriza os conteúdos disciplinares dificilmente possibilitará experiências de reconhecimento tanto do outro quanto de si mesmo, enquanto sujeitos que elaboram seus conhecimentos e aprendizagens. Como aponta Lemos (2015), a experiência,

enquanto um espaço de possibilidades para a “invenção da aprendizagem”, apresenta-se quando há o entendimento de que “aprender não necessariamente significa apreensão, compreensão ou assimilação, mas produção de sentidos; um rastro de subjetividade subsumida numa aparente atitude, numa intenção de ser, num discurso” (LEMOS, 2015, p. 309).

Lemos (2015, p. 320) também lança um convite para o “pensar/praticar uma educação que não tenha a intenção, previamente fracassada, de produzir identidades”, mas que possibilite a identificação como exercício de escolha, seja pessoal ou coletiva. Esse ato criativo só é possível porque a experiência narrada durante a escrita autobiográfica, que mescla realidade e ficção literária pelo autor indígena, ocupa a centralidade de sua escrita, da relação com o saber e perpassa também sua relação com os múltiplos tipos de conhecimentos.

PARA (NÃO) CONCLUIR

A pesquisa biográfica nasce junto à tentativa de construir um estatuto epistemológico para a pesquisa qualitativa. A partir do momento em que a ciência positivista não responde aos diversos processos e fenômenos sociais, surgem pesquisas sobre as escritas sobre o outro (escrita biográfica) e a escrita de si (auto)biográfica, seguindo a virada interpretativa nas ciências humanas e sociais. A linguagem deixa de ser idealizada, exclusivamente, como instrumento de expressão do pensamento e torna-se organizadora das formas de pensar e de produzir a realidade.

Como campo de investigação, as escritas de si com enfoques narrativos iniciam-se, primeiramente, em uma formação de professores que buscava afastar-se da perspectiva da racionalidade técnica e se aproximar de um paradigma reflexivo. Posteriormente, incorpora novas orientações à perspectiva da formação e amplia o enfoque sobre as análises das experiências no processo de formação e de profissionalização docente. Por fim, a terceira abordagem apontada por Passeggi (2020) inspira-se nas duas primeiras e cresce com a contribuição de pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

Com base nessas contribuições teóricas, a análise da obra *Canumã: a travessia* possibilitou pensar a autobiografia como campo de investigação e fez com que eu lembrasse de um questionamento trazido durante as discussões da disciplina “Itinerários autobiográficos”, ofertada no PROPED\UERJ pelo professor Guilherme Lemos. A questão era sobre o uso da palavra “itinerários” e a reflexão foi que esses percursos nos levam, longamente, a um lugar de reflexão que é a “constituição de si”. Esses são percursos em diferentes direções, em diferentes estágios de (in)acabamentos. Nesse sentido, precisamos realizar um serviço generoso de “revolucionar a nós mesmos”, ressignificando os horizontes das pesquisas científicas como espaços promotores de solidariedade no mundo em permanente (trans)formação.



Assim, sinto que, ao término deste trabalho, inicio uma jornada de pesquisa na qual esses “itinerários” irão “grafar” mais sobre mim mesma do que sobre as diferentes temáticas que investigo ou já investiguei.

REFERÊNCIAS

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. A memória do acontecido e a memória do acontecimento: um estudo semiótico dos gêneros autobiográficos. *Alfa*, São Paulo, 60 (2): 355-383, 2016. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-6>

CARDOSO, Ytanajé Coelho. *Canumã: a travessia*. Manaus: Editora Valer, 2019.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução: Anne-Marie Milon Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*. v.7, n. 51, setembro-dezembro, 2012, p. 523-536.

FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais*. Trad. Maria Passeggi, Carlos Braga. Brasil, Natal, Edufrn, 2014.

GABRIEL, Carmen Teresa. Narrativas autobiográficas e a questão do sujeito: articulações no campo do currículo. *REVISTA PRÁXIS EDUCACIONAL* v. 17, n. 44, p. 1-21, jan./mar. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, 2021.

HONORATO, Suene. O caderno e o lápis, armas indígenas contemporâneas: uma leitura de Canumã, de Ytanajé Coelho Cardoso. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 35-53, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderlei Geraldi. 1.ed.; 5reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. (Coleção Educação: Experiência e sentido)

LEMONS, Guilherme Augusto Rezende. currículo, conhecimento e discurso: uma experiência estética. *Revista Geo UERJ*. Rio de Janeiro, n. 27, 2015, p. 309-32.

LIRA, André Augusto Diniz; PASSEGGI, Maria da Conceição. Aprendizagens do “tornar-se”, das experiências formadoras e da visibilidade: aproximações entre autobiografias e educação. *DOSSIÊ - A dimensão biográfica como processo de formação e de compreensão de si e do mundo*. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e75688, 2021

MACEDO, Elizabeth. *Currículo, Identidade e Diferença: Articulações em torno das DCN para o Ensino Fundamental*. Relatório de Projeto de Pesquisa. Universidade do Estado do Rio De Janeiro, 2014.

NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1991.

NÓVOA, António (Org.). Os professores e suas histórias de vida. In: NÓVOA, A.(org.) Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992, p. 11-30.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista, Belo Horizonte. v.27, n.01, p.369-386, abr. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Abordagens Narrativas na Pesquisa Educacional Brasileira. Revista Paradigma (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), Vol. XLI, junio de 2020 / 57 – 79

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. Investigación Cualitativa, 2(1) pp. 6-26. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>

SILVA, Patrícia Petitinga Silva; OLIVEIRA, Andréia Maria Pereira de Oliveira; SOUZA, Elizeu Clementino de. “Mais parece um saca-rolha que um caminho!”: * identidades contingentes de pesquisadora em ciências biológicas a pesquisadora em ciências humanas. Revista Brasileira de Educação v. 23, e230092, 2018.

SOUZA, Adria Simone Duarte de; BETTIOL, Celia Aparecida; CARDOSO, Ytanajé Coelho. Discutindo a literatura indígena a partir do curso de formação de professores indígenas. Revista Cátedra Digital, Rio de Janeiro, n. 5, 2019. Disponível em: <https://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/discutindo-literatura-indigena-partir-do-curso-de-formacaode-professores-indigenas/>. Acesso em: 04 abr. 2020



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.